NO JARDIM DA «NOSSA CASA» — COLÓNIA DA M. P. F. EM S. JOÃO DO ESTORIL

# OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

**«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»**

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

**BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00**


**N.º 66 — OUTUBRO — 1944**


**Que sêde!...**

Foto Fernando Ponte e Sousa

# PERFIS: DOLLFUSS

LI agora a biografia dêsse homem de quem a História já falou, mas a quem um dia prestará ainda mais justiça:

— **Dollfuss.** É um nome para não esquecer.

Foi a 25 de Julho de 1934 que êle caiu atingido por uma arma cobarde e traiçoeira. Tinha então quarenta e dois anos de idade.

Trabalho e ardor de bem servir a sua Pátria: — primeiro no seminário, depois na Universidade; soldado nas trincheiras da outra grande guerra, mais tarde em vários postos de responsabilidade, até Ministro, até Chanceler do seu país — honrado e sério, homem bom que tem a consciência do Dever, amigo de Deus acima de tudo — êste foi **Dollfuss.**

Filho da Baixa Austria, uma educação profundamente cristã, o conhecimento directo e pessoal dos problemas duros e vivos da terra, tinham-lhe dado uma experiência sólida que ajudava poderosamente o seu carácter recto, firme e distinto.

Educaram-no os pais, como é próprio da gente daquela região, na vida austera e frugal, na simplicidade encantadora dos filhos do campo, ali para os lados de Moelk, naquela aldeia de Kirnberg.

Vida frugal, vida pobre: escola de sacrifícios, geradora de capacidade de trabalho como nenhuma outra — quem te conhece hoje?...

Mais tarde, já Chanceler da Austria, foi um dia Dollfuss visitar a mãe, como era seu costume. E porque o filho lhe dissera entre carinhos e também desgostoso de a ver trabalhar tanto: — "Porque se cansa, assim?..." respondera ela: — **Filho, como poderei eu cruzar os braços? Quando vejo que há que trabalhar, trabalho!... Canso-me?... Ora, descansarei melhor no domingo.**

Foi certamente nêste lar assim fortemente educativo que êle aprendeu aquela consciência e sabedoria de bem governar que o impuzeram como uma das primeiras figuras de estadista do seu tempo — e o levaram mesmo a dizer de uma vez:

**«Tôda a minha arte de govêrno a aprendi enquanto fui criança, no catecismo... Quando me ensinaram a pôr em prática o primeiro dos preceitos: «Amarás o senhor teu Deus com todo o teu coração e ao próximo como a ti mesmo».**

Valeria a pena trazer para aqui as páginas da sua vida exemplaríssima de seminarista que o levou quási até ao fim do curso de teologia. Porque não seguiu a carreira eclesiástica?

Por volta dos vinte anos toma-o todo a meditação da grandeza do sacerdócio. Assombra-se diante do divinamente grande do Sacrifício. Tal qual S. Francisco de Assis...

Não é por egoísmo ou traição ou cobardia à sua vocação... Não pode. É sincero:

**«É demais para mim... é coisa demasiado santa... morreria, Senhor Bispo, se um dia celebrasse... não exagero...»** — desabafa em confidência ao seu Prelado a quem procurou para lhe confiar a alma naquêle transe.

E sempre sincero foi servir a Deus por outros caminhos.

Dias antes de ser assassinado podia falar desta forma:

**«Temos todos de provar a nossa vontade de sermos verdadeiros e bons cristãos. Daqui vem para cada um de nós, um duro, formoso e humano dever que alegra e liberta a nossa consciência: — o dever que todos temos de no meio ordinário da vida que Deus nos destinou, regressar ao genuino espírito da Igreja, primeiro dentro de si e depois conquistar a sua família».**

Aqui está em poucas palavras o perfil dessa alma de eleição que morreu a repetir durante a sua longa agonia estas palavras que poucos conhecerão:

**«Procurei sempre a paz... nunca fiz mal a ninguém... que o Senhor na sua misericórdia lhes perdôe a todos!...**

*G. A.*

## CÓNEGO DR. MARTINS PONTES

*FALECEU em Lisboa, no passado dia 25 de Setembro, o Rev. Cónego Dr. Martins Pontes, figura da Igreja portuguesa. Possuidor duma grande cultura e duma inteligência brilhantíssima, a que se aliavam primorosas qualidades morais, a sua morte foi muito sentida. Passou fazendo o bem e iluminando tudo à sua roda.*

*Também na M. P. F. pousou e ficou um raiozinho do seu talento e uma parcelazinha do seu coração: nos artigos que se dignou escrever para o nosso Boletim.*

*Não pode, pois, a nossa gratidão esquecê-lo; prestando homenagem à sua memória abençoada de Deus e dos homens, pedimos a todas as filiadas uma oração pelo seu eterno descanso, naquela Luz eterna cujo reflexo já brilhou, no tempo, na sua alma.*

# COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. DE ESPINHO

A Colónia de Férias do Norte, que funcionou em Espinho, teve 3 turnos, de 20 dias cada um. Temos em nosso poder vários relatos do 1.º e 2.º turnos, escritos pelas filiadas.

Lamentamos não poder publicá-los todos, mas a falta de espaço não no-lo permite. De resto, as noticias repetem-se sôbre vários aspectos: todas começam por contar a alegria da chegada à Colónia e o acolhimento carinhoso que encontraram. E todas descrevem em seguida com entusiasmo «a vida da Colónia», desde o primeiro toque da sineta a despertar até ao toque de silêncio da noite.

Veem depois a narrativa dos passeios, das visitas culturais e das festas, que variam de turno para turno. Por fim, a tristeza e a saüdade da partida.

Temos pena... Mas temos de nos limitar à descrição dum dos turnos.

*CHEGUEI à Colónia já a animação ia no auge — no fim da primeira semana. Tinham-se feito os conhecimentos da chegada, tinham-se reatado velhos conhecimentos...*

*Como rapariga da Mocidade, em meio de raparigas da Mocidade, sinto-me imediatamente à vontade. São oito horas — chegam as «coloniais» do terço, depois da praia, para o jantar; a sala alegre, fresca, dá ar de vida — e quando acabamos de dar graças, com o Sol a pôr-se, na nossa frente para além do mar, a bandeira corre, mastro abaixo, ao som do hino; sentia-a, gostei desta cerimónia que nunca me tinha sido dado ver.*

*No grande salão do rés-do-chão jogamos a bola, cantamos, dançamos ao som do piano... até que o toque da sineta nos chama aos dormitórios; o toque é quási sempre uma «duche» fria, no meio do maior entusiasmo.*

*Através das cortinas alvas do dormitório correm as gargalhadas, estalam os ditos, cruzam-se os comentários... Depois, vem a M.ª Amália, reza-se a oração da noite, apaga-se a luz... e tudo cai num silêncio «mais ou menos» profundo. Dois caruncho no teto zangarreiam ao desafio; lá fora ladram cãis. E' interessante, a noite, no quarto pequeno todo vestido de branco.*

*E é nessa impressão de alvura que eu adormeço — tudo, exames, viagem, a vida tôda lá de fora vôa do meu espírito — e acordo no dia seguinte ao som duma vozinha leve, a chamar como quem tem pena de acordar: «Oito horas, Dida, a pé»...*

*E' o meu primeiro «dia de colónia»; os ditos recomeçam, as gargalhadas estalam de novo, a acordar e a envergonhar as mais «dorminhocas»; gosto desta alegria sã das colónias, a espalhar-se em espírito raciocinado e desempoeirado da parte das maiores, a estalar em gargalhadas de vida, por um nada, nas mais pequenitas.*

*Feitas as camas, presas as cortinas dos «domínios» de cada uma, de novo o sino toca a chamar ao primeiro almôço — novamente em sentido, ao som do hino, a bandeira sobe no mastro, para ficar a dizer — «Aqui está a Mocidade».*

*Depois sai-se para a praia; vestidos azuis, rosas, verdes, amarelos... espalham-se ao longo da rua, rostos já morenos, sombreados por grandes chapéus sorriem, conversa-se... até que, na passagem de nível, a M.ª Amália faz silvar o seu arrepiante assobio — e, num passo heróico, avança até o meio das linhas, a espreitar as posições do «inimigo blindado»; não há perigo; pode passar-se...*

*Chegamos à praia; tiram-se as batas, espalham-se, aqui e ali, as flôres amareladas dos chapéus, trabalha-se, conversa-se, joga-se a bola e o prego. Ao meio dia é o banho; a Senhora Directora vem assistir; enquanto umas correm, mergulham, brincam na água brincalhona também, as outras, as que o «veto» da Senhora Dr.ª Cesarina condenou, jogam a bola para enganar a pena de não tomarem banho também.*

*A' uma hora vem-se almoçar; depois, o descanso, de novo nos dormitórios; o toque para a merenda, às quatro e meia, é a libertação das que não dormem, como me acontece a mim; e a merenda come-se no salão, com as bolas a pular, o piano a correr em notas vivas.*

*Volta a tocar o sino; — «Meninas, para a praia!». E de novo a rua ri na policromia dos vestidos variegados; na praia recomeça, ou antes continua, a vida de manhã: livros, bordados, chapéus, gargalhadas, cantigas, bolas, espalham-se ou voam no areal dourado.*

*A's sete e meia voltamos; calçam-se meias, enfiam-se casacos — entra-se na igreja a rezar o terço; nunca cá entrei. Que hei-de pedir? — «Senhor, que a vida da colónia seja vivida na alegria da Vossa graça por tôdas as raparigas».*

*E volta-se a casa para o jantar.*

**12 de Agosto** — *Hoje jantámos na praia; era segrêdo; nada respirou da «Direcção». A alegria que riu nos olhos e nos lábios das coloniais, ao ver chegar os grandes cestos!... Sentadas em fila, à moda oriental, depois de rezar de frente para o mar e o céu, com os pratos sôbre os joelhos... foi um jantar alegre. Depois, sentadas em fila tôdas, ao longo da rampa sobranceira ao mar, vimos o Sol descer, como velha medalha de oiro antigo... «Desce o Sol, sôbre o mar, sôbre as ondas... Deus vigia»!*

*E o hino ficou a ecoar, canção de vida vivida, enquanto voltávamos para casa, ao crepúsculo.*

**14 de Agosto** — *Fomos hoje à Vila da Feira. Depois do almôço, no combóio da uma e meia, saímos; cantigas sôbre cantigas voaram, tôda a viagem, na paisagem linda do Vale do Vouga. Comprámos fogaças, subimos até o Castelo. Visitámo-lo bem — foi-nos explicado; impressões? Ficam, como num album de lembranças, no espírito de cada uma; são difíceis de transmitir.*

*Depois de merendar à sombra duns carvalhos e de descançar um pouco, descemos de novo; de novo as cantigas voaram na paisagem linda do Vale do Vouga; chegámos a casa às nove horas — e gostámos do passeio.*

**17 de Agosto** — *Vamos a Aveiro; deliramos com o passeio; as mais pequeninas ficam; mas consolam-se depressa — não apreciam menos um dia de praia, ao sol, com um céu e um mar tão azuis.*

*Bem fardadas, sacos às costas, vamos de manhã; propomo-nos visitar o parque e as salinas, e ir mais longe, à Vista Alegre. Tudo se realiza; almoçamos nas sombras verdes do parque, enquanto esperamos uma caminneta que só há-de chegar às três e meia — «Vamos, então, às salinas?» — pede-se; e, já com os sacos aligeirados, lá vamos, estrada fora, «a ver»; discutem-se problemas geológicos e químicos àcêrca da Ria e do cloreto de sódio; e ao mesmo tempo as imaginações voam, recebendo de rosto o ar forte da maresia e do sal; vistas de perto, as grandes pirâmides só dão desejo de levar uma pedra de cristais; e apetece um passeio num daquêles canais, num daquêles Barcos característicos, a deslizar levemente.*

*Mas é preciso voltar. Vem a camionette. E parte-se para a Vista Alegre. Contempladas de longe, do alto, em perspectiva, as salinas são mais belas; corre-se na estrada fácil; as pirâmides correm connosco, mais longe, mais perto, cintilando ao sol; os enormes rectângulos são espelhos; a luz ri; e a Mocidade canta, conversa, «vive», na luz puríssima que ri em volta.*

Filiadas da M. P. F. na praia de Espinho

Foto: Puppe

# «Embaixadas de alegria e de bondade»

A M. P. F. não poderia contentar-se só com a formação intelectual e física das suas filiadas. A formação do coração é mais importante ainda porque é no coração que está "a piedade o sofrimento e o amor", e é dele que corre a onda divina da caridade.

Um coração bem formado não fica indiferente perante nenhum mal, nem se queda numa sensibilidade estéril; possui uma delicadeza que se enternece fàcilmente, mas conhece também o entusiasmo dos nobres empreendimentos. E' um coração afectivo, mas é também um coração forte, capaz de se dedicar até ao sacrifício.

Um coração bem formado tem nêle a caridade de Cristo: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei".

E o amor de Deus e o amor do próximo confundem-se de tal maneira, que o Apóstolo não compreende "como pode e amor de Deus subsistir naquêle que possui bens da terra e fecha o seu coração à vista do seu irmão na necessidade".

Um coração bem formado nunca merece esta censura! Sente-se atraído para a fraqueza, a miséria e a dor; os pobres, os tristes, os velhos e as crianças encontram nêle, não só simpatia, mas um amor qne toma iniciativas generosas.

O Comissariado Nacional da M. P. F., no seu grande desejo de fazer das filiadas raparigas perfeitas — formando-lhes o coração — convida-as a prepararem "Embaixadas da alegria e da bondade" que levem aos hospitais, asilos, creches, etc. (por tôda a parte onde haja velhinhos e crianças, pobreza ou sofrimento) a *alegria* que cura os corações e eleva as almas para o céu, e a *bondade* que prega a fé e o amor de Deus, glorificando a Infinita Bondade.

"Embaixadas da alegria e da bondade" que vão inclinar-se diante da "sublime dignidade do pobre" no qual se oculta Jesus Cristo.

"Embaixadas da alegria e da bondade" que aliviem o sofrimento e façam esquecer o abandono, que ponham luz nos olhos amortecidos dos velhinhos e abram risos na bôca em botão das crianças.

"Embaixadas da alegria..." Em todos os Centros devem preparar-se grupos de filiadas que com canções, representações, etc., vão animar no Natal e pelo ano fora a monotonia das casas de caridade e a dolorosa seqüência da vida hospitalar.

"Embaixadas da bondade..." Que de vez em quando levem também presentes: brinquedos para as crianças, agasalhos para os vèlhinhos... E a esmola duma palavra consoladora e dum gesto que ameiga... A bondade dum interêsse sincero e duma amabilidade cativante...

"Embaixadas da alegria e da bondade" que proporcionem também ocasião aos Centros de estreitarem as suas relações, colaborando nas mesmas festas e realizando festas de confraternização, entre os próprios Centros que a alegria faz bem a todos e a bondade também é apreciada entre irmãs.

Que as Directoras do Centro, compreendendo a elevada intenção do Comissariado Nacional ao aconselhar as "Embaixadas da alegria e da bondade" ponham nesta iniciativa todo o seu zêlo; e que as filiadas, deixando se apaixonar por esta idéia, empreguem na sua realização todo o entusiasmo juvenil do seu coração bem formado!

---

*Palmos estreitos separam a planície de sal, com as suas pirâmides, das planícies verdes de milho, dos cedros, das vinhas; passam vivendas a correr e a rir nas suas janelas abertas; uma mata, encantadora nos seus tons de verde, desliza na beira da estrada, cerrada, aureolada do sol e dos mil ruídos da vida de tôdas as matas.*

*Chegamos à fábrica; é tarde; temos de ver depressa, que às cinco horas fecha; mas os olhos param, chovem preguntas, procura-se perceber; perante certas preguntas, os operários respondem, entre obsequiosos e assombrados com tanta ignorância! Para êles aquilo é tão a vida de todos os dias, que julgam que o é de tôda a gente. As mãos moldam, pinta-se, o banho de vidro dá brilho — mas tanto trabalho! Vêmos os fornos. Passamos à Secção de Pintura; há coisas interessantíssimas, que se vêem, se aprendem, nos enchem de admiração pelo operário humilde, mas não podem contar-se aqui; as mãos firmes que traçam, em linhas leves ou duras, os desenhos que vemos, depois, com indiferença, em qualquer amazém de louças, tremem levemente quando paramos a admirar tanta habilidade; desenham as mais delicadas flôres sem molde nem risco...*

*Mas é preciso passar; faz-se tarde. Compram-se lembranças, tiram-se fotografias; e, às cinco horas, volta-se, a grande velocidade, para um combòio que há-de passar às cinco e vinte; voam cabelos, somem-se as cantigas, no ar lavado da tarde. Corre, voa, lá fora, a mata, as vivendas, o milho rodeado de cedros, o panorama de sonho das marinhas, reverberando ao sol já mais baixo...*

*Mas chegamos. E às sete horas, levemente cansadas, mas radiantes, entramos em casa.*

*— «Um bom passeio!» — diz-se.*

**18 de Agosto** — *Hoje, à noite, veio a sr.ª D. Efigénia; veio encerrar uma série de palestras — conversas amigáveis na praia — em que graduadas e universitárias têm discutido tudo: leituras, educação infantil, formação da mulher; a discussão de hoje — «a penetração das idéias bolchevistas no meio académico» — foi renhida; mas tudo se aclarou... Adquirimos idéais — e temos, por hoje, como por sempre, de agradecer à sr.ª D. Efigénia.*

**19 de Agosto** — *Amanhã vamo-nos embora. A Colónia está no fim; em surdina, cuidadosamente, dão-se os toques e os retoques na festazinha da noite. Temos de nos despedir, numa manifestaçãozinha muito íntima, alindada ao calor da nossa amizade e da nossa gratidão, da Direcção e das nossas Instrutoras (que nomes tão frios para a solicitude de que nos sentimos rodeadas)!*

*Hoje de manhã tivemos uma missa e comunhão, em acção de graças pela graça de Deus que caiu sôbre a Colónia.*

*Engana-se a tristeza vaga que paira no ar com risos, piano e cantigas...*

*Logo, ao cair da tarde, ao descer pela última vez a bandeira, cada uma de nós há-de pensar — «Vivi!»*

*Porque «viver» é orar, é trabalhar, é cantar, e porque as raparigas da Mocidade oraram, trabalharam, cantaram — viveram.*

Cândida Amélia Portugal Estrêla

(Filiada n.º 3007, Douro Litoral, Ala 1, Centro 1)

# A propósito de danças...

*A insuficiência das horas de sono, a excitação e a fadiga da dança, os resfriamentos causados pelos vestidos de baile, etc. teem, na verdade, dado muitas vezes razão ao poeta:*

Elle aimait trop le bal,

C'est ce qui l'a tuée.

*E se pensarmos que nos bailes a alma também pode ser atingida e morrer, maior aplicação teem ainda estes dois versos.*

*Queremos dizer com isto que é proibido dançar? Não. Dançar é um divertimento que tem sido apreciado em todos os tempos.*

*Não admira que as raparigas gostem de dançar! A dança é uma expressão de alegria; é natural que a mocidade sinta o desejo instintivo de manifestar a sua alegria de viver. Dançar é quási um instinto. E' ver as crianças...*

*Mas há danças e danças, e modos de dançar muito diferentes.*

*Dançar num meio familiar e com pessoas conhecidas, é um divertimento legítimo; mas poderemos dizer o mesmo de certos bailes em clubs e dancings, onde tôda a gente pode entrar?!*

*Do mesmo modo, dançar com simplicidade e correcção, danças que não despertem a sensualidade, também não é mal; mas poderemos dizer o mesmo de certas danças modernas?!*

*A dança, em si mesma, não é um pecado, mas cada rapariga deve ter a consciência bem formada para compreender quando dançar é mal, e a virtude suficiente para se defender dêsse mal, negando-se a tomar parte em danças inconvenientes e sabendo chamar à ordem o seu par, quando êste deixa de ser correcto.*

*E como as danças modernas, na sua maioria, são perigosas para a pureza duma rapariga, mais atenta esta deve estar, pois, em geral, o mal não está na dança, mas no* **modo** *de dançar!*

1 — La Camargo dansante. Quadro de Lancret, no Museu de Berlim; 2 — A roda dos Anjos no Paraíso — Pormenor do Juizo Final de Fra Angelico; — (friso) 3 — A dança na cidade, gravura de Teodoro de Buy, Século XVI; 4 — A dança no campo, do mesmo autor; 5 — Lição de dança no Século YVIII — Quadro de Longhi; 6 — De moulinet — Quadro de Lancret, no museu de Berlim

*Sempre se dançou, e a dança teve até de princípio um carácter religioso.*

*David dançou diante da Arca da Aliança, exteriorizando a sua alegria. Outras passagens do Antigo Testamento nos falam de danças em momentos solenes. Danças puras, que eram a alegria a traduzir-se em acção de graças*

*No Egipto, dançava-se em volta do altar que representava o sol; os sacerdotes que entravam nessas danças religiosas figuravam os sete planetas e várias constelações.*

*Além das danças sagradas, existiam as danças profanas, cujas imagens ficaram nos frescos, vasos e sarcófagos.*

*Na Grécia também existiram danças religiosas, mas a dança, ali, era considerada sobretudo uma arte.*

*Uma das nove musas, Terpsicore, personificava a danç .*

*As danças gregas, cheias de graça e harmonia nos seus movimentos, faziam parte da educação da mocidade, e não havia festa religiosa ou civil, pública ou familiar, onde se não dançasse.*

**Elle aimait trop le bal,**
**C'este ce qui l'a tuée**

(Vitor Hugo)

*Em Roma, a dança já não teve êste aspecto nacional, nem era considerada, como na Grécia, «o modêlo ideal da beleza».*

*Os romanos não dançavam; a dança era um espectáculo a que assistiam com agrado, mas consideravam uma falta de dignidade tomar parte nele. Um nobre que dançasse perdia a sua nobreza.*

*A dança, em Roma, era sobretudo uma pantomina representada por artistas estrangeiros.*

*O cristianismo não repudiou a dança. A pureza dos costumes dos primeiros cristãos permitia-lhes dançar sem perigo. Dançava-se com simplicidade e alegria espiritual.*

*A dança conservou também o seu lugar em certas cerimónias religiosas. Em algumas igrejas de Espanha dançava-se diante do Sant.mo Sacramento. E não só em Espanha, mas também em Portugal, dançava-se pelo Natal, em honra do Menino Jesus, acompanhando os vilancicos.*

*Igualmente se dançava em algumas procissões...*

*Ao entrar na Idade Média, a dança foi banida dos templos e actos litúrgicos.*

*Mas não desapareceu dos costumes... As danças profanas continuaram em voga, tendo ficado históricos alguns bailes que deram escândalo.*

*A época áurea da dança foi a Renascença. Compreende-se. Depois do afervoramento religioso da Idade Média, ao qual a dança não podia deixar de causar escrúpulos, a liberdade da Renascença, sacudindo entraves, atirou o mundo para o prazer.*

*Os bailes tornaram-se festas de mundanismo e esplendor. Iniciados nos palácios reais, dali passaram para os salões da nobreza. Danças sumptuosas, espectaculosas: é a época dos bailados. Algumas festas dêsse tempo, pelo seu luxo e esplendor, custavam fortunas.*

*Depois, no século XVIII, a dança modificou-se, tomando um aspecto mais ligeiro e delicado. O minuette é ainda hoje evocativo da graça que caracterizou as danças dessa época.*

*Os quadros de Longhi e de Lancert que publicamos dão uma idéia dessa graça. E quem não conhece os quadros de Watteau?*

*Depois, pelas alturas da Revolução francesa, apareceu a valsa, uma das danças cujo reinado mais tem durado. Ainda hoje se valsa! A valsa chegou a ser considerada* «La folie du jour».

*Vieram depois a* quadrilla, *o* cotillon, *a* mazurka, etc.

*Seguidas pelos* one-step, *a* polca, *o* fox-trott, *etc., sem falar já da valsa que continuava a ser obrigatória.*

*E finalmente, hoje, tôda a estravagância das danças importadas da América, com origem em danças de pretos:* tango, blue, slow, romba, conga, swing, *etc.*

*Danças de selvagens que os brancos, esquecidos da sua civilização, adoptaram, sem sentirem o ridículo em que caem com os seus tregeitos e atitudes!*

*Mas enfim, como tudo passa, esperamos que a voga das danças exóticas passará também...*

*Cada país tem as suas danças tradicionais. Em Portugal, quem não conhece o* vira, *o* corridinho, *as* saias, *o* verde gaio, *etc.?*

*E para terminar estas notas que a falta de espaço me não permite alongar, quero contar-vos a lenda japonesa da origem da dança e da música. A dança está necessàriamente ligada à música. O ritmo é-lhe quási sempre dado pelo som.*

*«Um dia, a deusa da luz teve uma zanga com o deus seu esposo e retirou-se para uma caverna profunda. Uma vez encerrada ali, sentiu-se bem e recusou-se a sair. Daqui resultou que o mundo ficou imerso em trevas. A humanidade sofria, lamentava-se, suplicava. Mas tôdas as súplicas eram vãs! A deusa obstinava-se em não sair do seu retiro.*

*Foi então que um deus se lembrou de fixar na terra cinco cordas bem estendidas, embora desigualmente, e pondo-se a dedilhar sucessivamente cada uma das cordas, tirou delas sons admiráveis. No mesmo instante, a deusa sentiu a necessidade de exprimir a sua emoção por movimentos e gestos: começou a dançar, e a harmonia composta por aqueles sons e pelos seus próprios gestos foi qualquer coisa de tão irresistível, que a deusa, acalmado o seu mau humor, saiu do esconderijo e tornou a dar a luz ao mundo.*

*Assim entrou — conclui a lenda — ao mesmo tempo a música no coração dum deus e a dança no instinto da mulher».*

**Maria Joana Mendes Leal**

# Colónia de Férias da M. P. F. em S. João do Estoril

A nossa Colónia de Férias, escola de disciplina e santidade para tôdas quantas dela souberem aproveitar os seus ensinamentos, funcionou êste ano na casa da M. P. F., na «Nossa Casa», em S. João do Estoril.

Que vos poderei dizer daquele cantinho que é o nosso lar?

Unicamente que dentro dêle nos sentimos mais cristãs, mais unidas e mais portuguesas.

A «Nossa Casa» abriu as suas portas a 156 filiadas e a 24 graduadas e instrutoras, igualmente distribuídas por 3 turnos, cada um de 20 dias.

O 1.º turno, iniciado a 1 de Agosto, teve como Directora Maria Alexandra de Almeida Eusébio e como Adjunta Estela Massano de Amorim.

O 2.º turno começou a funcionar no dia 21 de Agosto e foi dirigido por Estela Massano de Amorim e Maria Fernandes Rosado, respectivamente Directora e Adjunta.

Finalmente, o 3.º e último turno começado em 11 de Setembro teve a orientá-lo Olga Violante como Directora e Estela Massano de Amorim, como Adjunta.

Tôdas nós que passámos êste ano pela Colónia pudémos trazer bem dentro de nossos corações, em traços largos e nítidos todo o plano duma vida sã, duma vida total.

Num ambiente de comodidade e alegria lançou-se indistintamente a semente da disciplina e da caridade.

As graduadas e instrutoras ocuparam sempre a vanguarda no cumprimento do dever de cada dia e de cada hora. Eram, podemos dizê-lo, os marcos sólidos e inquebráveis qua à beira do caminho iam dizendo os rumos.

Além da vida agradável que a praia nos proporcionava e das surprêsas que dia a dia o nosso convívio amigo e camarada nos ia descortinando, fizemos alguns passeios extraordinários.

Fomos ao Cabo da Roca, junto do Cruzeiro que a M. P. F. ergueu, «onde a terra acaba e o mar começa».

Viemos a Lisboa onde as filiadas dos Centros do Algarve e Baixo Alentejo puderam contemplar a Tôrre de Belém, ponto de partida dos destinos da Nossa Terra, os Jerónimos, a Estufa Fria, etc...

No dia 14 de Setembro, comemorando a exaltação da St.ª Cruz, fomos ajoelhar diante dum Cruzeiro perto de Cascais. A nossa homenagem foi simples mas tocante de sinceridade.

Fizemos 3 vezes campismo: uma vez no Pinhal da Marinha em Cascais, as outras duas num pinhal pertinho do Estoril.

Cada uma de nós teve sempre uma missão importante a cumprir dentro dum acampamento. E' o esfôrço e o zêlo de tôdas que nos dá aquele aspecto colorido e palpitante de um grupo de raparigas sàdias que num vai-vem constante, em comunhão íntima de alegria com a Natureza, cuida dos mais insignificantes pormenores do bem estar e do bom gôsto. O pôr da mesa sôbre a caruma dos pinheiros, a ornamentação dos «quartéis» onde cada quina se instalava, etc... tudo são motivos da mais franca e amiga camaradagem.

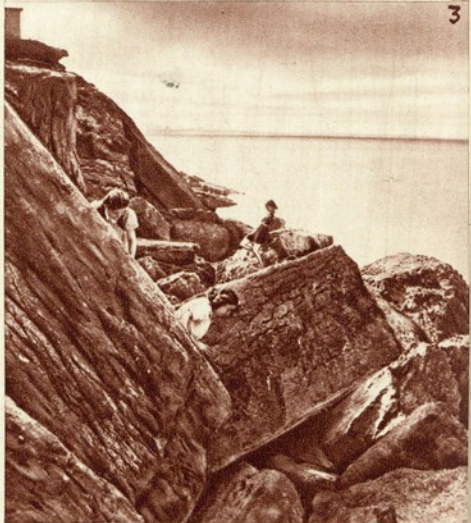
Contudo, na nossa Colónia, a par duma vida higiénica passada em contacto com a Natureza, também houve uma intenção acentuada de levantar no espírito de tôdas nós alguns problemas de grande interêsse para a nossa função de raparigas.

Com êsse fim, organizaram-se os ciclos de cultura que funcionaram em todos os turnos.

Merecem menção especial os seguintes trabalhos: «A Vida da Colónia» — apresentado no 1.º turno pela Chefe de Falange, Maria de Lourdes Belchior; «Pedro Jorge Frassatti» — por Manuel Martins, no 2.º turno; «O Ideal da Mocidade» — pela graduada Maria Emília Diniz, no 3.º turno; «A Santa Missa» — pela Chefe de Falange Maria Estrêla Monteiro, também no 3.º turno.

Seguidamente à leitura do trabalho fazia-se um pequeno questionário ao qual tôdas as raparigas eram convidadas a responder, esclarecendo-se assim muitas dúvidas e iluminando-se algumas ignorâncias.

Também «Avante», o jornal da nossa Colónia, foi o mensageiro junto de tôdas nós da palavra daquelas que nêle colaboraram; palavra quente e enérgica que sempre teve um ideal único a rasgar o seu caminho: *mais alto*, cada vez *mais alto*.

Mas, no meio de tôdas astas actividades que encheram durante tantos dias o nosso tempo e os nossos corações, não podíamos de nenhum modo ter esquecido que Portugal é a terra de St.ª Maria. A Ela, à Padroeira fidelíssima de tôdas as horas, se fez uma pequena festa em cada turno. A imagem de Nossa Senhora das Graças, trazida do nosso Oratório, era colocada entre flores no nosso jardim para aí ouvir mais de perto o testemunho do nosso amor e da nossa gratidão.

Depois, junto daquele altar tão singelo recitavam-se poesias alusivas ao acto, lia-se qualquer composição feita para êsse fim e entoavam-se cânticos à SS. Virgem.

Dentre os trabalhos realizados tiveram relêvo e merecem destaque um «côro falado» de Maria de Lourdes Belchior Pontes, no 1.º turno, e «Invocações» de Maria Emília Diniz, no 2.º turno.

Em cada turno realizou-se ainda, à maneira dos outros anos, uma pequena festa de confraternização. Tôdas tiveram o seu encanto e a sua alegria, mas eu queria de um modo particular chamar a vossa atenção para a que se fez no 3.º turno pela originalidade do seu plano. O jardim da «Nossa Casa» transformou-se como por encanto num arraial onde não faltavam as barracas de fantoches, rifas, pim-pam-pum, de «comes e bebes» e as ciganas que graciosamente liam o futuro. Ainda ao ar livre exibiram-se as mais surpreendentes variedades: palhaços, meninas no arame, sortes de prestidigitações, bailados regionais, descantes, etc...

O produto desta festa subiu à quantia de 720$00, que junto à receita de alguns peditórios feitos nas missas de domingo prefez a quantia de 1.000$00 e foi entregue no Comissariado Nacional, revertendo a favor da construção do Templo ao Imaculado Coração de Maria.

E creio que vos dei, dum modo ligeiro e imperfeito, uma ténue idéia de como se viveu êste verão de 1944 na Colónia de Férias em S. João do Estoril. O resto, aquilo que é inefável, que nós sentimos mas não dizemos, que sabemos exprimir só porque nos tornámos melhores, guardamo-lo como um tesouro bem fundo nos nossos corações. Não esqueçamos, quando mais tarde as pedras rolarem sob os nossos pés, que durante 20 dias aprendemos a ser fortes e a olhar sempre para *mais alto*.

***Maria Estrêla Monteiro***
**Chefe de Falange**

1 — Descendo a escada da «Nossa Casa», que leva para o jardim...
2 — A hora do banho.
3 e 4 — Escaladas dos rochedos, um dos divertimentos favoritos.
5 — Contemplando o mar de cima dos rochedos.
6 — Todas se recreiam, mas cada uma a seu modo...

# 1.º CURSO DE FÉRIAS PARA DIRIGENTES DOS CENTROS PRIMÁRIOS

### *UM DIA DE CAMPISMO*

Querida amiga

PEDIAS-ME na tua última carta que te descrevesse um pouco do que fizemos durante o Curso que se realizou em Lisboa para as futuras dirigentes dos Centros Primários. Acedo da melhor vontade e começo por te descrever um pequenino acampamento que fizemos, no sentido de nos exercitarmos para mais tarde o repetirmos com os nossos alunos.

Escrevo-te para esta nossa Revista, porque, assim, muitas das colegas que não puderam assistir ao Curso talvez possam aproveitar aqui alguma coisa, visto quási tôdas irem assinar esta mesma Revista.

Foi no dia 27 de Agosto. A manhã nasceu linda e cheia de sol, daquêle sol que nos transforma, que nos dá alegria e torna comunicativas.

Creio que jàmais esquecerei êsse primeiro acampamento que fiz e nêste momento recordo com saùdade tudo o que fizemos e tudo o que vivemos.

Escuta: era um domingo; depois de ouvirmos missa na capelinha do colégio, onde estávamos instaladas, fomos tomar o pequeno almôço. Mas êste foi diferente dos outros dias, havia qualquer coisa em nós tôdas, talvez um pouco de ansiedade pelo momento da partida, não sei bem explicar, mas olhando à minha volta, só vi caras risonhas, alegres; e creio mesmo que nêsse dia o café foi tomado muito mais depressa! Terminado êste, corremos, tôdas à uma, para o lugar onde se encontrava todo o material a transportar. A professora de Educação Física, que era a organizadora do acampamento, depois de apitar, impôs-nos silêncio, porque, confesso, apesar-de futuras professoras e portanto umas senhoras, éramos muito barulhentas; mas não fiques mal impressionada com êste meu desabafo, digo-te só que a nossa idade anda à volta de 20 anos e se bem te recordas as nossas avós dizem sempre: 20 anos... umas crianças ainda!...

Enfim, estávamos prontas e a professora começa então a fazer a divisão de tôdas nós por grupos. Eram cinco, tantos quantas as tendas. Dentre cada um dêsses grupos escolheram-se as mais velhas para chefes. Em seguida, distribuiram-nos todos os apetrechos necessários: tendas, bilhas, tachos, cestos com louça, etc.

E lá partimos cheias de entusiasmo, rindo e cantando caminho fora! O local era próximo do colégio, num olival. Chegadas lá, pousámos tudo e recebemos ordens.

Começaram por distribuir o terreno de forma que cada grupo ocupasse, pouco mais ou menos, o mesmo espaço. As dirigentes repartiram então o material preciso para cada tenda. E num instante tôdas tinhamos que fazer, desde o armar da tenda até à invenção da cozinha, sala de jantar, etc., etc. Mas as mais atarefadas eram as cozinheiras que tinham de armar um fogão no chão, o mais depressa possível, porque daí a nada o apito far-se-ia ouvir e tôdas ao mesmo tempo tinham de acender os fogões. Entretanto as chefes foram à água com um tacho. Alguém media a mesma porção para os diferentes tachos porque o grupo que mais depressa fizesse ferver a água, seria anotado. Era engraçadíssimo ver a azáfama que reinava em todo o campo e em cada grupo; umas tratavam da cozinha, outras inventavam a melhor maneira de se arranjar uma mesa com os respectivos assentos e outras ainda tratavam de aproveitar o terreno que sobrava, arranjando jardins e ruas.

Tôdas procuravam de se aperfeiçoar o melhor possível porque o grupo que melhor apresentasse a sua tenda, seria também anotado; e sem nada dizer aos grupos vizinhos começa cada um a inventar mil e um pormenores a acrescentar na sua casa de forma que constituísse novidade: cestos para papéis, toalheiros, prateleiras, nicho para o sabão e fósforos, cabides, e jardins etc. Mas sabes lá, tudo isto teve de ser feito só com elementos da natureza que ali se encontrassem! De repente ouviu-se uma grande gritaria e tôdas parámos a olhar para o sítio donde saía tanto barulho. Sabes o que foi? O grupo a quem primeiro ferveu a água chamava pelas dirigentes: venham ver a nossa água que já ferve, fomos as primeiras... e atrás dêste ouviram-se logo os outros: também a nossa já ferve, venham ver! Pelas duas horas as chefes deram ordem de se ir almoçar. Uma vez na mesa rezou-se pedindo a Deus nos abençoasse o alimento que vamos tomar. E o almôço decorreu num ambiente agradabilíssimo ouvindo-se dos grupos mais próximos ditos engraçados e risos estridentes. Terminada a refeição deram-se graças a Deus. E tôdas se levantaram, indo cada uma lavar a louça que usou; a mesa de novo fica limpa e pronta para a merenda. Em seguida deram-nos licença para descansar ou brincar até às quatro e meia. As que realmente quiseram descansar, encaminharam-se para as tendas onde as aguardava uma boa caminha, não fôfa como as das nossas casas, mas sim uma em que o colchão era a própria terra e o lençol erva espalhada ou um cobertor. E digo-te, dormia-se lá lindamente uma soneca, se não fôssem as mais tagarelas, que nestas ocasiões fazem rir as pedras com as suas histórias engraçadas e ditos espirituosos. Mas a maioria preferiu ao dito descanso... a escrita!... E zás, elas aí estavam, fazendo dos joelhos secretária, a contarem às famílias, aos amigos e aos noivos as suas impressões sôbre a capital com tôdas as suas maravilhas, passeios que deram, saùdades que já tinham.

Nova barulheira! Chegou o correio e a sua voz faz-se chegar a todo o acampamento. De tôdas as bôcas se ouvem ditos impacientes: depressa, distribuam já... separem a correspondência por escolas... e a pobre da distribuidora vê-se e deseja-se com tanta gente à sua volta e sem saber como principiar, tal era o barulho que faziam. As mais comodistas preferiam ficar dentro das tendas limitando-se a deitar a cabeça de fora à espera que as mais caridosas trouxessem o correio; e então era interessante e curioso reparar em tôdas aquelas raparigas: em pé, sentadas, deitadas de bruços, liam com sofreguidão as notícias chegadas e as suas caras tomavam expressões deveras engraçadas: sorrindo, abanando a cabeça, franzindo as sobrancelhas em ar de curiosidade e admiração, deixando ver a quem observava que as notícias lhes tinham chegado até à alma! De novo se continuou a brincar ou a descansar.

Quatro e meia. Novo apito: primeiros socorros, grita uma voz! Tôdas correram a saber do que se tratava. Apenas isto: foi entregue a cada grupo uma espécie de questionáriozito onde se inquiria quais os primeiros socorros a prestar a uma pessoa que partisse uma perna ou ferisse a testa, etc. Escolheram-se em cada grupo duas ou três que respondessem ao questionário, exemplificando tudo com uma colega. Claro que a resposta não foi dada por escrito, mas sim mais tarde diante da professora de educação física oralmente, exemplificando na companheira que escolheu para fazer de doente.

Como era ainda cêdo para responder, àquilo e entretanto eram cinco horas, fomos merendar. Após a merenda, reunimo-nos aos nossos grupos e fomos então assistir à preparação da doente. Como disse, uma faz de doente e as outras duas ou uma fazem de enfermeiras, e estas apuram-se no arranjo de pensos, ligaduras, estacas, no caso da perna partida, e tudo o resto que é preciso para os diferentes ferimentos apresentados, não esquecendo os meios de transportar os doentes: a pé, amparada às enfermeiras, numa maca improvisada, etc. A enfermeira que melhor apresentou o seu doente e melhor explicação deu do que fez e como o fez, foi novamente anotada porque tôdas estas anotações que se fizeram contribuíram para uma espécie de concurso que acabou mais tarde com uma gincana.

Certamente já percebeste que êstes primeiros socorros têm por fim exercitar-nos neste assunto para mais tarde na nossa escola, e mesmo no próprio meio para onde formos, pormos em prática o que aprendemos, no caso de não haver médico, ou havendo, êste se encontrar longe.

Terminada esta etapa do acampamento, foi-nos anunciado que a nossa dig.ma Comissária Nacional viria daí a instantes ter connosco e portanto visitar tôdas as tendas. Quando isto ouvimos, corremos tôdas a pôr o acampamento muito bonito para receber a nossa dig.ma Comissária.

Esqueci dizer-te atrás que também nos mandaram fazer uma pequenina exposição de flores, aproveitando tudo o que por ali houvesse. Tôdas o fizemos mas não imagines que apresentámos beldades raras, não! Apenas azevinho, raminhos de azinheira com bolotas verdes e uma outra plantazinha engraçada, enfim muito pouco, visto naquêle sítio nada haver, mas o que tu não sabes é como era lindo tudo aquilo que fizemos. A disposição a dar, a melhor maneira de enfeitar, tudo isso constituiu um grande interêsse do qual nos saímos lindamente. Umas adoptando uma cruz de Cristo feita sôbre a terra, em relêvo, colocaram as flores por cima, outras fizeram-no com motivos regionais.

Só te digo que estavam interessantíssimas as exposições! Os próprios jardins com palavras de saüdação, convidavam as mais exigentes a entrar e a admirar tão simples mas tão bonito acampamento.

Quando chegou a dig.ma Comissária, corremos a cumprimentá-la e convidámo-la a ir visitar as nossas casinhas! Em tôdas elas foi recebida com alegria e uma vez aí mostrámos-lhe as tendas, salas de jantar, cozinhas, jardins etc. Em tôda a parte teve um acolhimento diferente: com cânticos, recitações, dando vivas e batendo palmas.

Para tôdas teve palavras de carinho e admirou a iniciativa dumas, imaginação doutras, esmêro até com que também tínhamos sabido alindar uma tão pequenina porção de terra. Realmente foi admirável a maneira como conseguimos tudo aquilo. Quando terminou a visita dirigimo-nos tôdas, alunas, professoras e dig.ma Comissária para o local da gincana. Esta apresentava números interessantíssimos e variados. E mais uma vez foram anotadas as que melhor se saíram. Tôdas nós estavamos ansiosas por saber o resultado, queríamos saber depressa quem tinha sido o número um do acampamento, qual o grupo vencedor! Mas o resultado, disseram-nos, só seria dado ao jantar. E mais uma vez aprendemos a ser pacientes.

Entretanto voltámos para o acampamento: desarmámos as tendas, arrumámos tudo e o campo ficou limpo, como o encontrámos; uma vez tudo em ordem [illegible]ou-se o têrço a Nossa Senhora e final entoámos-lhe em hino de louvor. [illegible] de novo cada uma pega no que lhe compete trazer e voltámos para casa, alegres, radiantes, pois tinhamos vivido um dia cheio de surprêsas interessantíssimas que nos deixou as mais gratas recordações.

O jantar foi depois no colégio e no fim procedeu-se então à distribuição e classificação dos prémios. O primeiro prémio coube ao 4.º grupo. O segundo ao meu, ao 2.º grupo, que era só formado por raparigas da Escola de Braga. Os outros prémios não sei dizer a quem couberam porque fiquei tão contente que não consegui ouvir o resto da distribuição.

E assim terminou aquele grande dia da nossa vida, onde tôdas unidas e numa camaradagem inesquecível, reforçámos os laços de amizade criados desde o primeiro encontro entre as escolas de Braga, Pôrto, Coimbra e Lisboa.

Depois do que ouviste deves ter ficado com pena de não nos teres acompanhado, mas não fiques triste porque, se Deus quiser, voltaremos lá de novo e tu poderás então ir também.

Aceita saüdades da amiga

*Maria Helena Rôxo*

Braga, 16-9-44

**SETÚBAL** — No dia 15 de Abril p. p., a convite do sr. Director dêste distrito escolar, fez uma conferência às senhoras regentes dos postos escolares, a sr.a D. Margarida Francisca das Dores, Sub-Delegada Adjunta de Setúbal.

A esplêndida conferência versou sôbre a organização da Mocidade Portuguesa Feminina.

A conferente, que tem sempre acompanhado par e passo, com a maior diligência e cuidado, o desenvolvimento da M. P. F., versou o assunto com conhecimento larguíssimo da Organização, pondo em relêvo todos os benefícios que a mocidade de hoje lhe fica devendo.

Baseando-se, por vezes, num artigo publicado pela ex.ma Comissária Nacional no Boletim mensal da M. P. F., a conferente descreveu minuciosamente tôda a engrenagem da Organização, expondo no quadro preto o caminho que segue a filiada desde os seus primeiros passos, como lusita até que atinge o mais elevado escalão.

A conferência, que foi antes uma lição proveitosa, foi ouvida com o maior interêsse por aquelas senhoras, que, pela primeira vez iam filiar as suas alunas na Organização, ficando inteiramente elucidadas de como se fazia o ingresso e a sua subida gradual.

**ELVAS** — Realizou-se no dia 7 de Maio a comunhão pascal colectiva de tôdas as filiadas da região, procedendo-se no mesmo dia à bênção da bandeira e inauguração da séde, cuja casa foi para êste fim gentilmente cedida pela Câmara Municipal, que também cedeu mobiliário para a mesma, e se prestou a fazer no edifício umas obras necessárias para a separação completa da séde da M. P. que funciona no mesmo prédio.

A seguir à comunhão, foi servido um pequeno almôço às filiadas, oferecido por algumas senhoras de Elvas.

**VILA REAL** — Pode lealmente dizer-se que o ano lectivo findo foi de intenso labor nesta região de Vila Real.

Dois Centros (1 e 3) trabalharam devotadamente, num desejo enorme de bem servir.

A encerrar as «Actividades», realizou-se uma sessão para entrega de prémios às filiadas dos diversos Centros que durante o ano mais se distinguiram pela sua devoção à Mocidade.

Quis a ex.ma Comissária Nacional dar-nos a honra de se fazer representar pela ex.ma sr.a D. Mariana Inês de Melo, nesta nossa festa de família. Bem haja S. Ex.a pelo interêsse que tomou por esta ala. A

visita da ex.ma sr.a D. Mariana Inês — alma grande, perante a qual me curvo — foi de enorme alcance: S. Ex.a orientou as dirigentes e entusiasmou as filiadas com a sua presença e a sua palavra tão vivida, tão cheia de ideal cristão.

A festa, simples — que para mais não tinhamos possibilidades — marcou na vida da Mocidade desta cidade transmontana. Pode a ex.ma Comissária Nacional contar connosco. Vila Real — presente!

**Donativos** — O ex.mo sr. Agostinho Fernandes, de Portimão, dignou-se oferecer à sub-delegacia da M. P. F. naquela cidade um donativo de cem escudos.

— A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António concedeu à sub-delegacia da M. P. F. naquela vila um subsídio anual de seiscentos escudos.

**AVEIRO** — Acedendo aos desejos do Comissariado Nacional, celebrou-se no nosso Centro Colégio de Nossa Senhora de Fátima, a festa do 1.º de Dezembro.

De manhã, às 9 horas, dignou-se Sua Ex.a Reverendíssima, o sr. Arcebispo, celebrar a Santa Missa na Sé Catedral, acompanhada a cantos por um grupo de filiadas de vários Centros.

A' tarde tivemos a nossa festa com a assistência da Reverenda Madre Superiora, da nossa ex.ma directora, de tôdas as nossas professoras e de várias famílias das filiadas.

Apesar de pequenina e muito familiar decorreu muito animada.

Esperávamos tôdas que a ex.ma sr.a sub-delegada regional nos desse o grande prazer de presidir à nossa pequenina sessão, mas por motivo de sua precária saúde, não nos coube essa honra tão desejada.

Iniciou-se a nossa festazinha pelo Hino da Restauração que tôdas as filiadas cantaram com entusiasmo. Em seguida leu a sua palestra, sôbre o significado do dia, uma das nossas lusas, seguindo-se a recitação de algumas poesias por várias filiadas.

Antes da distribuição dos prémios atribuidos aos cadernos de moral, expostos no VI Salão de Educação Estética, uma lusa fez uma pequena exortação às suas companheiras sôbre o grato dever que incumbe a tôdas as filiadas de aproveitar das lições de moral que tão cuidadosamente nos são ministradas dentro da nossa Organização.

Grande foi a alegria das contempladas, principalmente as mais pequeninas!

E nós, as que não recebemos nenhum prémio, regozijávamo-nos por ver a sua alegria e por saber que um só dos cadernos expostos não fôra premiado.

Seguiu-se o hino da Mocidade e a imposição dos emblemas às novas filiadas, algumas das quais, sobretudo as lusitas mais pequeninas, se julgavam já grandes generais condecorados com a Gran-Cruz de Guerra!

Terminou a nossa pequenina sessão pelo hino da nossa querida Pátria.

*Maria Antónia de Almeida Azevedo Borges de Sousa*

(Filiada n.º 35077-Vanguardista)

**AVEIRO**: Filiadas do Centro n.º 3

O célebre "dia sete"! Não era preciso dizer o mês... já todos na família, nas nossas relações e nas povoações, aldeias e cidade perto da quinta o sabiam. O "dia sete" era tão desejado, preparado e alegremente esperado, e há tantos anos a seguir, desde o nascimento de meu Pai à morte de minha Irmã (uns 55 anos) que já tinha entrado na tradição e no ritmo da vida daqueles campos. Para nós, filhos ainda pequenos, era o dia mais festivo do ano, com o qual sonhavamos e do qual ficava para todo o inverno um perfume e uma recordação tão doirada, que só a sua evocação no nosso espírito nos fazia parecer a vida mais risonha e os estudos menos pesados.

• • •

A minha avó paterna tinha tido um primeiro filho que morrera pequeno. Quatro anos depois dêste grande desgôsto e quando já quási não ousava esperar essa graça de Deus, teve um segundo filho, tão bonito, forte e sàdio, que foi para os seus Pais não só consolação, mas o despontar de todas e as mais radiosas esperanças. O velho nome que representavam via-se continuado.

A minha avó fez nessa ocasião um "propósito" (e não uma promessa, frisava) que em reconhecimento à Providência por tão grande favor, havia de tornar a data do nascimento do seu filho bemdita entre o povo da região das suas propriedades. Embora isso representasse sacrifício, vestia nesse dia 24 pequenos pobres (12 rapazes e 12 raparigas) desde a camisa ao lenço da cabeça ou carapuço. Dava de comer a tôda a gente que lá fôsse e que pedisse, e à noite oferecia um baile à gente do povo.

Para verem como se passava êsse dia vou contar-lhes desde "as vésperas" como tudo se fazia.

• • •

A frente da casa da quinta é formada por grande varanda coberta. Esta dá sôbre um largo. Segue uma alameda que atravessa o jardim numa grande extensão até ao portão aberto sôbre a estrada. A varanda é coberta por dentro e por fora com plantas trepadeiras e adornada por vasos, que vão mudando conforme as estações para estarem sempre em flôr. Com mesa e cadeiras de palha, é o lugar mais freqüentado da casa, pela comodidade com que ali se pode estar gosando do bom ar e vista, sem os inconvenientes de lugares mais rústicos. Ali se faziam quási todos os preparativos do "dia sete".

Minha Avó, assentada numa cadeira, tirava as medidas aos pequenos que desejavam ser contemplados e ia distribuindo às suas numerosas sobrinhas as tarefas de cortar, alinhavar, coser. Era tudo feito por S. Ex.cias meninas, parentes idosas da família e amigas. Estas, senhoras da cidade próxima, vinham se instalar dias antes, e além de coser alguma coisa, ajudavam a dona da casa em preparar e confeccionar a doçaria a servir nessa data. Vestiam uns "chambres" brancos, ou blusas largas e punham mãos à obra.

Havia um quarto especial para fazer bolos (sem ser a copa) onde um armário e grande cómoda continham alguidares, colheres de pau, tachos de "arame", medidas e almofariz de cobre, etc. Em cima dum poial de pedra, fogareiros de ferro acesos esperavam os tachos com o açúcar que haviam de pôr "em ponto".

Entretanto na cosinha ia-se juntando gente. Além da cosinheira e criadas da casa, começavam a chegar as raparigas que, antigas empregadas na quinta e hoje estabelecidas, se julgavam bastante da casa ainda para virem ajudar e tomar parte na festa. Traziam sempre ovos ou qualquer outro produto da sua lavra. Uma vez vi com espanto sete mulheres a depenar um perú! Era maior a boa vontade do que a necessidade de auxílio.

Na véspera do grande dia matava-se um carneiro e vinha uma mulher especializada que, na "casa da matança", grande quarto com lareira, ia descascando as batatas e cortando o feijão verde que havia de guisar no dia seguinte.

Chegavam à varanda, vindas da horta, cestos vindimos com "peras de St.º António", e o senhor Prior vinha ver se na capela estava tudo em ordem para a Missa de Acção de Graças. No entanto pouco tinha a criticar, porque já as meninas da família com o auxílio dos rapazes estavam a enfeitar o altar com flores e hera e tinham posto na sanca que corria ao longo das paredes tigelinhas de côres variadas com azeite, para serem acesas durante a missa. As crianças corriam alegremente, levando recados e preparavam à noitinha, com o maior mistério, os presentes que faziam para o Pai. Como a Avó gostava que todos no "dia sete" se vestissem de branco sua Mãe arranjava-lhes os vestidos e fatinhos para que aparecessem "resplandecentes" logo de manhã.

Depois do calor do dia, na tarde e noite de 6, descançava-se um pouco e assistia-se ao aparecer dos últimos hospedes que, já com ar festivos, chegavam, diziam êles, ainda a tempo de ajudar em algum preparativo.

Antes de nos deitar iamos gosar da vista que, das janelas dos nossos quartos, a noite estrelada nos deixava desfrutar. Ouviamos os rouxinóis no choupal, à borda da ribeira, a trinar, e as noras mouriscas, no mais distante Nabão, a

gemer naquela toada monotona e doce, que lembra os primeiros séculos da história Pátria com as lutas contra infiéis.

• • •

Acordavamos cedo. Do "dia sete" não desejavamos perder coisa alguma. Queriamos vêr, ao nascer do sol, astear a bandeira. Descalças para não acordar ninguém, abriamos as janelas e viamos o feitor e jardineiro, na luz rosada da manhã a atar a bandeira à corda, que descia do grande mastro. Faziam-nos um sinal para dizer "lá vai ela" e a bandeira era içada lentamente. Ao chegar ao topo, subia ao ar uma girândola de foguetes. O seu estralejar acordava todos na casa. Tinha começado o grande dia! Minha mãe dizia para o Senhor dos anos: "Muitos parabéns, meu amor, Bemdito Deus que te fez para mim!" e os Avós diziam um para o outro "Nasceu o Nosso filho, a nossa jóia". E nós sete filhos formavamos uma bicha e entravamos a marchar, no quarto, levando os nossos presentes e flores e gritando: "Parabéns, parabéns ao nosso querido e *adorado* Pai". Os cães amedrontados pelos foguetes tinham-se refugiado em casa e entravam atrás de nós a dar ao rabo festivamente.

• • •

Todos vestidos e preparados desciamos com o pai para o rez-do-chão. Lembro-me uma vez que os meus avós vinham justamente a saír do quarto, velhinhos já, no entanto completamente vestidos de branco. Ao verem o filho pararam e minha avó exclamou, abrindo-lhe os braços: "Nasceu hoje o nosso Sol". — Seguiamos para a varanda onde grandes mesas e bancos esperavam já os comensais. O largo em frente já estava cheio de gente que vinha cumprimentar e formular os seus bons desejos. Nisto chegava no trem que o tinha ido buscar o nosso querido e bom Prior e iamos todos para a capela. A seguir à missa a avó mandava-me, como neta mais velha, ver se o jantar dos pobresinhos estava em bom caminho e trazer um prato de carneiro guisado com batatas e feijão para provarmos. Estava sempre uma delícia! Almoçavamos e em seguida começava a nossa grande lida. Na varanda, o sr. Prior ia chamando os pequenos que deviam ser vestidos. Levados pelas môças para um quarto, onde eram lavados e vestidos, saíam de lá com a sua própria roupinha, pobresinha, mas limpa, numa trouxinha na mão. Iam-se juntando na varanda e quando estavam todos, assentavam-se e eram os primeiros a almoçarem, servidos pelos donos da casa. Ao levantarem-se, o senhor Prior dizia graças com êles e saíam para dar lugar a outra gente. Estavamos assim a servir tôda a tarde. A avó enchendo as malgas dum enorme alguidar onde se renovava constantemente a comida. Deviam comer várias centenas de pessoas. Mas nunca havia um empurrão ou má palavra. Só se via respeito e ordem. O Leal, um semi-doido muito engraçado, estava tocando gaita de foles e fazendo mesuras. Ao longe já se ouviam os "harmónios" que rapazes em grupos vinham tocando ao aproximarem-se da quinta, para onde vinham esperar a dança da noite. Bem vestidos de jalecas, algumas vezes de côr, de cravo ao peito e camisa branca, julgava-os todos mais bem parecidos do que as raparigas, que já não se vestiam tão caracteristicamante.

Chegada a noite estavamos cançados e iamo-nos estender um pouco antes de nos vertirmos para o jantar. Os criados ficavam a tirar as mesas e bancas da varanda para a aprontar para o baile. Enchiam-na tôda de balões à veneziana, que a iluminava fièricamente, achavamos nós crianças. Para o jantar ponhamos as nossas maiores galas. A mesa estava cheia de flores e de inumeros pratinhos e taças com as tais doçarias que tinham preparado. Da cidade próxima viera uma música, composta pela família dos pintores Aivados, que tocavam durante o jantar. Quando se abria, com o característico estoiro, a garrafa de champagne, e que as senhoras, classicamente davam um gritinho de susto, subiam aos ares várias girândolas de foguetes e um dos hóspedes levantava-se e dizia duas palavras e bebiamos todos à saúde do "nosso querido". Tomava-se o café na varanda e acendiam-se os balões de côres. Abria-se a porta e entrava o povo, vindo sempre à frente, os criados da quinta e ranchos que lá andavam no trabalho. Muito honrados dêsse privilégio. O carpinteiro, grande dançarino, pedia licença e começava o baile. Dançava o verde gaio, o vira, o fandango, com uma ligeiresa e ciência inimitáveis. Era o animador da festa. Tocava e cantava. Fazia discursos, sendo preciso, e mantinha a alegria e o respeito. Quando os "harmónios" perdiam o entusiasmo a avó ia para a sala e de janela aberta, para se ouvir lá fora, tocava viras e valsas no piano, para que não afrouxasse a alegria. E, quando já tarde, se iam todos cançando, o carpinteiro começava a cantar ao desafio, tendo logo resposta das raparigas. Aproveitava para dizer amabilidades aos patrões, ali presentes. E no final de tudo, coisa espantosa, cantava e todos dançavam a Paixão de Nosso Senhor. Começava dizendo das Suas dôres e todos viravam lentamente e tristemente em silêncio mortal, mas quando chegava à Ressureição, era uma alegria extraordinária, os pares redopiavam loucamente e os semblantes desanuviavam-se. Todos respiravam fundo, graças a Deus, tudo acabaria bem... A festa também chegara ao fim. Agradeciam e retiravam.

Nós, filhos, subiamos para os quartos, mas eu ficava ainda à janela, como na véspera, olhando o céu estrelado, ouvindo ao longe as velhas noras mouriscas e o som que se ia afastando dos harmónios, nos grupos de rapazes que regressavam aos seus lares. Que boa, que consoladora que era essa hora em que eu sentia todo aquele amor, tôda aquela compreensão envolver a figura de meu Pai. Parecia-me que na aragem doce da noite, que me trazia o cheiro da terra, que os nossos há séculos cultivavam, com desvelo, nos vinha também a Bênção dos antigos portuguêses que aprovavam que se festejasse um Chefe, digno dêsse nome e que para nós, na família, representava a Suprema Autoridade e a Maior Perfeição Humana.

***Francisca de Assis***

# PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO
DESENHOS DE GUIDA OTTOLINI

## MARIA RITA SOLTEIRA

V

*O Xana declarou uma d'estas manhãs que quer ir para a aviação.*

*E, como a Mãe observou:*

*— Não basta QUERER ir; é preciso estudar e muito — êle respondeu, abespinhado:*

*— Isso é para os oficiaes superiores; o que eu quero é voar, seja como fôr, com estudos ou sem eles.*

*Mas o Pae, aborrecido, sacudiu-o logo:*

*— Você não diga asneiras. Veja se trata de acabar o liceu e habilite-se á Politécnica: depois poderá piar.*

*O Manuel, que é muito calado e admira profundamente o Xana, não resistiu a observar:*

*— Oh Pae, olhe que o Xana é tido por um AZ lá no liceu! Na sua turma ninguém se atreve a fazer-lhe frente!*

*Que «joia» de Manuel! atirei-lhe logo uma bolinha de pão e um beijo na ponta dos dêdos. O Pae perdeu instantâneamente a carranca e disse:*

*— Ainda bem. Que os meus filhos trabalhem é o meu maior desejo... e orgulho.*

*N'essa altura tocou o telefone; e a criada, (uma certa «lôrpa» que entrou há pouco tempo) disse:*

*— A menina Josésinha manda dizer ao menino Nuno para ir já ao telefone.*

*Foi um protesto geral, á mistura com gargalhadas dos rapazes. O Nuno, da côr d'um tomate, levantou-se para ir; mas um grito do Pae fê-lo sentar imediatamente. E a Mãe encarregou a rapariga de responder «que o menino Nuno estava á mesa» e não ia ao telefone.*

*— Quem é a menina Josésinha? — perguntou o Pae, muito a sério.*

*— Anda no 1.º ano. É da minha turma — respondeu o Nuno, embezerrado.*

Quando lhe dei a boneca parecia doida!

*— Então para que são essas ridiculas conversas ao telefone? — tornou o Pae.*

*— Acabe lá com patetices.*

*— Os outros todos falam ao telefone cada um á SUA menina; é o costume.*

*— E tu achas graça a isso, Nuninho?! Achas divertido?! — perguntei eu, cheia de curiosidade.*

*— Não acho piada nenhuma, é uma chati...*

*— Nuno! — cortou o Pae, severamente.*

*— Uma espiga — tornou o pequeno — mas uma pessoa tem de fazer o que fazem os outros.*

*Eu indignei-me! E disse:*

*— Faz o que te parecêr BEM, Nuno, e deixa falar os patêtas!*

*— Oh Nuno, pois o menino será como os celebres carneiros de «Panurge», de que fala a Mademoiselle, que iam sempre atraz uns dos outros, sem sequer saber para onde, nem porquê?! — exclamou a Luizinha.*

. . . . . . . . . . . . . . .

*Chegou d'Angola o primo António Cabral, (filho d'uma prima do Pae), que estava em África desde muito novo.*

*Verdade seja, êle não é velho; mas deu-me a impressão de ser mais velho do que os rapazes que conheço. Muito alto, espadaúdo, a cara rapada, e uns olhos enormes, cinzentos claros, exquisitos! Não é nada bonito; e até o acho muito pouco simpatico, a falar a verdade.*

*Quando êle apareceu cá em casa (ha já umas semanas), estavam várias visitas a tomar chá. Na sala grande tinham ficado as pessoas «de respeito»; e a gente nova, rapazes e raparigas, estavam todos na sala pequena.*

*Arranjámos duas mesas de Mahjong e o resto tagarelava no sofá. A Luli, que detesta o Mahjong, é sempre a mais animada; gosto imenso d'ela.*

*— Tenho a vida cheia como um ovo! — declarou ela, tôda contente — E o tempo chega-me para milhentas coisas com o meu sistema: listas e mais listas, dias e horas tudo escrito na agenda!*

*— Você porque não fuma, Luli? — preguntou-lhe o José João, oferecendo-lhe a cigarreira.*

*— Odeio o fumo, que quer você? E não estou para fingir que gosto, como faz a Lixa, e outras que eu conheço.*

*N'essa altura é que entrou o primo António. Tudo se calou a olhar para êle; e o Gonçalo fez logo as apresentações.*

*— Não quero ser desmancha-prazeres — disse o primo; e o José João perguntou:*

*— Você joga?*

*— O «bridge», como tôda a gente — respondeu o primo — Mas se me dão licença — acrescentou — sento-me aqui ao pé da minha prima Maria Rita a conversar.*

*Bem teria eu preferido que êle escolhêsse outro «poiso»...*

*Mas a Luli, com o seu desembaraço, tratou de o fazer contar coisas d'África, e a conversa tornou-se interessantissima! Já me pareceu menos embirrento.*

*Começou a contar-nos o que fazia por lá.*

*— Sentir o valor do nosso esforço, do nosso trabalho, vêr, pouco a pouco, o desenvolvimento das terras e das creaturas, creiam que é d'um palpitante interêsse para a vida!*

*Que linguagem tão diferente da que costumam ter os rapazes com quem convivemos! Parecia-me que devia ser massador falar com o primo António; mas o que é certo é que ali estivemos com êle imenso tempo, sempre interessadissimas, ambas.*

*— Mirri! — gritou o Xana, a certa altura — põe a grafonola a andar!*

*— Um bom «swing» era bestial — disse o José João, vindo buscar-me para dançar.*

*Mas o Gonçalo pediu:*

*— Vem cá, Mirri, conta ao António o que fazes no teu curso de «bébés», sim?*

*O José João ficou fulo, coitado: mas eu fiz a vontade ao Gonçalo. E contei ao primo em que consistia o tal curso de puericultura, cheio de interêsse, e o estágio que ia seguir-se n'uma Crêche de Lisboa.*

*O António escutava-me com tal atenção que me pareceu menos antipatico.*

*A Luli declarou, depois d'êle sair, que o António era estupendo! Mas o José João e, com êle, mais dois rapazes e a Lixa, classificaram-n'o de... «odioso»! !Até o Gonçalo deu sorte e exclamou, indignado:*

*— Tento na lingua, Zé João! não sabes que o António é nosso primo?!*

*— Primo ou não, é antipatico da cabêça aos pés! — respondeu o José João.*

*— Pois meninos — tornou a Luli — fico na minha e não arrêdo: é estupendo o tal primo d'África!*

*Armou-se uma discussão tremenda: que barulheira!*

*Ninguém me perguntou a minha opinião; mas é evidente que o não posso achar «odioso», como eles dizem. Duro, sim; mas, no fundo, sinto uma espécie de admiração por êle, confesso.*

. . . . . . . . . . . . . . .

*Tôdas as quintas feiras janta cá a nossa velha prima Serafina: senhora de enorme fortuna, incomensurável rabujice... mas que nos adora a todos.*

*A bem dizer, foi ela que educou a Mãe quando a minha avó morreu, ficando a Mãe muito pequenina. A sua constante indignação são as modas, as danças, as expressões, etc. (O marido morreu há que anos).*

*Ora, no dia em que o António cá apareceu veiu jantar a prima Serafina.*

*— Quem é esse António de quem todos vocês estão falando? — perguntou.*

*— É o filho da pobre Lucia, lembra-se? — respondeu o Pae.*

*— Já sei; aquela tua prima que casou com um engenheiro sem eira nem beira.*

*— Oh Prima — indignou-se a Mãe — era um rapaz inteligentissimo, e o filho está-se tornando notável! Tem já hoje uma fortuna, que deve ao seu valor.*

*— Apezar de todo êsse valor o casamento foi péssimo: e o homem deixou a Lucia com um filho ás costas, para mais.*

*— Oh Prima Serafina, ainda bem que a pobre senhora ficou com um filho: sempre é um interêsse para a vida! — exclamei eu.*

*A prima Serafima virou-se tôda para mim, com o «lorgnon» na ponta do nariz:*

*— Olhem, olhem! Já a formiga tem catarro!*

*Depois, desinteressando-se do assunto, declarou, com solenidade:*

*— Quero dar-lhes hoje uma noticia SENSACIONAL!*

*Todos ficaram cheios de curiosidade. A Prima Serafina iria casar outra vez?*

*— Como tu, Maria, és a minha herdeira... A Mãe tentou interrompê-la.*

*— Deixa-me falar, não m'interrompas — cortou a Prima — senão perco o fio.*

*— Como tu és minha herdeira, quero participar-te que... acabo de comprar uma esplendida propriedade no Ribatejo!*

*Foi um côro de exclamações entusiastas! E a Prima estava radiante.*

*A Luizinha levantou-se para a beijar (o que o Xana acompanhou com uma ridicula carêta), e disse:*

*— O meu sônho era ir no verão para uma quinta!*

*— Montar a cavalo! — segredou-me o Nuno.*

*A Prima Serafina, então, entrou em explicações detalhadas sôbre as vanta-*

*gens da compra, a belêza do sitio, as comodidades da casa, etc.*

*E todos nós, n'essa noite, sonhâmos com a Quinta da Lezíria!*

*VI*

*Lá se foi o Gonçalo... E é certo, certissimo, que o nosso bloco ficou desiquilibrado sem essa rica pedra!*

*A boa Juca, que tem uma vida activissima, (é Dirigente da Jic, é Vicentina, é Catequista na sua freguezia,) vem cá a casa imensa vez; como se já fizesse parte do «bloco». Todos a adoram! e ela tem sempre uma boa palavra para os Pais, uma idéia divertida para o Nuno, uma história para a Luizinha, um conselho para mim... E é alegrissima! O Manuel chega a pretender que ela não só é engraçada a contar coisas, mas que tem pilhas!*

*Uma coisa que ela lamenta imenso, é a minha relutância (e muito intensa) em visitar pobres. A idéia de penetrar naqueles «antros» nojentos, cheios de micróbios (e de bicharia...), o respirar aquêle ar infecto, ouvir os queixumes dêles (que eu não posso remediar), tudo isso é horrivel para mim.*

*— Que queres, Ju, faço outros sacrificios; mas não êsse.*

*— Ouve, Mirri, só te peço que leves uns brinquedos a uma doentinha do Casal Ventoso; fazes-me isso?*

*Não tive coragem de dizer que não. Arranjei uma boneca de celuloide, uma caminha, e lá fui, sózinha, até ao pobre bairro.*

*Que miséria de casebre... O chão era térreo, o teto quási em cima da cabeça, e não havia chaminé! A doentinha deitada no chão, sôbre um velho colchão dado pela Juca, bem pouca roupa tinha com que se cobrir, coitadinha! Quando lhe dei a boneca parecia doida!*

*— Para mim, menina? Mesmo dada?!*
*— dizia ela, com os olhos brilhantes.*

*E eu fiquei ali um bocado, a contar-lhe a história do Natal, a adoração dos Pastores, a vinda dos Reis Magos a Belém, a grande alegria de sermos todos Cristãos. Depois fi-la rir, coitadita; e por último dei-lhe os bôlos de azeite feitos pela Matilde.*

*— Quando é que a menina cá volta? — preguntou-me a mãe, uma simpática rapariga, com mais quatro petizes à sua volta.*

*Eu, que não pensava em voltar, fiquei calada. Mas a doentinha, impaciente, disse:*

*— Amanhã, sim, menina?*

*E eu respondi, decidida:*

*— Pois sim, Beatriz, amanhã.*

*E... voltei! Não só um dia, mas muitos...*

*Compreendi, enfim, o enorme interêsse que pode prender-nos aos pobres, quando comunicamos «directamente» com êles!*

*No Natal lá tinham o seu Presepiosinho arranjado por mim; e que alegria reinou naquele misero lar, com tudo o que lhe levei em roupa e comida!*

*A Juca abraçou-me com ternura e disse-me simplesmente, ao ouvido:*

*— Eu sabia bem o valor do teu coração, Mirri...*

*Estas palavras deram-me tal prazer que quási me fizeram chorar...*

*O meu grupo de raparigas anda a organizar um baile de subscrição a favor das Obras da Freguezia. Já temos a sala, que é estupenda, e só falta resolver a questão da música.*

*Os rapazes (que não querem saber de despesas) exigem um «jazz» meio doido, que há agora em Lisboa e custa os olhos da cara. Têm instrumentos berrantes e exóticos, e os próprios músicos cantam, gritam, gesticulam, como se fôssem fugidos do manicómio!! Eu acho que é IDIOTA ir gastar o dôbro para dançar ao som dessa barulheira infernal, a que nem pode chamar-se MÚSICA. Mas ninguém concorda comigo!*

*— Oh Mirri — disse a Lixa, excitadissima — tu podes estar certa que os rapazes só vão ao baile se fôr êsse Jazz!*

*A própria Luli queria a música dos malucos!*

*— Tem de ser, tem de ser! — gritava a Luli — Os rapazes não vão se fôr outra orquestra!*

*Resolvemos consultar a comissão das senhoras mais velhas (tinham a ceia à sua conta). E tôdas me deram razão a mim, felizmente.*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Ante-ontem fomos com Silveiras, Britos e Cunhas a um belo passeio.*

*O ponto de reünião era, depois do almôço, no Golf do Estoril. E daí fomos para Sintra, pela Serra.*

*Não sei porque telha, pois outra palavra não acho, o José João lembrou-se de se mostrar outra vez ternissimo (para não dizer «lamecha»...) comigo! Um género que detesto; e êle bem o sabe. Até a Luizinha reparou na sua maneira ridicula de olhar; e disse-me, em segrêdo:*

*— Oh Mirri, o Zé João quando olha para ti parece uma cabeça de vitela!*

*A Isabel lembrou-se de me falar no passeio à Outra Banda, há dois anos, e preguntou-me:*

*— Então, Maria Rita, ainda tens as mesmas idéias a respeito do casamento com o José João?*

(Continua)

# EXEMPLOS A SEGUIR...

**Na risonha Quinta das Olaias, entre Odivelas e Cancças, juntavam-se, nos mêses de verão, muitas raparigas: tôdas elas sobrinhas e primas da dona da casa, a viscondessa de S. Lembram-se da tia Patrocinio, que às quintas-feiras, há uns cinco anos, reunia em sua casa um rancho vivido e buliçoso?? pois a viscondessa era irmã da tia Patrocinio; e partilhava com ela o gôsto simpático de se rodear de gente nova. Que belas temporadas passavam as alegres raparigas na Quinta das Olaias! Juntando o divertimento à utilidade a viscondessa não deixava as pequenas levar vida ociosa, a chamada «boa**

**vida», que, afinal, é sempre má! E logo que as sobrinhas iam chegando às Olaias faziam-se programas, marcavam-se horas, arquitetavam-se projectos variados que enchessem os dias de maneira prática e agradável.**

**— Tiasinha, dê-me a mim a catequese da garotada, sim? — pediu naquele ano a engraçada Rita, que fizera quatorze anos havia dias.**

**A tia olhou-a e sorriu.**

**— Pouco saberás ensinar, meu fedelho! Rita còrou, zangada.**

**— Fico eu com ela, tia Maria — acudiu Lidia, já de dezoito anos e cheia de bom-senso.**

**A viscondessa tornou:**

**— Tu, Zéca, vais encarregar-te de arranjar fatiota para a petizada: e para te ajudar tens a Milinha, a Fernanda e a Beatriz.**

**— Otimo! — exclamou Zéca.**

**— E eu? — preguntou Joaninha, que tinha só dez anos, mas era cheia de boa vontade.**

**— Vais dirigir os *recreios* da Crêche, queres?**

**A palavra *dirigir* entusiasmou Joaninha. Batendo as palmas, gritou:**

**— Que trabalho estupendo, tiasinha! Brincar, cantar, jogar jogos com os petizes!**

**— Tal qual, filhas: vocês verão, depois de passaram dois mêses, o resultado de todo o vosso trabalho — comentou Lidia.**

**E o programa foi-se cumprindo dia a dia com entusiasmo, com ordem, com pontualidade. Tôda a aldeia tomava, assim, parte activa nas férias das *Meninas das Olaias*; e quando, aos Domingos, viam seguir o rancho em alegres *pic-nics*, ou em divertidas burricadas, muitos trabalhadores, à porta dos seus casebres, e muitas das suas mulheres, enchendo os cântaros nas bicas, olhavam com bonhomia risonha aquelas raparigas tão queridas dos seus filhos e que assim lhes dedicavam as horas dos seus dias... Quando acabou o verão, a viscondessa deu uma festa nas Olaias. A merenda foi ao ar livre, naquele enorme terraço de árvores seculares cuja vista, sôbre a mata, fazia o encanto de todos; e a seguir dançou-se com animação, ao som de um sexteto ótimo, em que as valsas alternavam com as danças modernas.**

**Todos estavam felizes naquela tarde! E à noite, depois de um lauto jantar, a boa viscondessa quis que todo o seu ranchinho a escutasse com atenção:**

**— Queridinhas, gostaram das suas férias? — preguntou ela, com aquêle sorriso bondoso que parecia dar luz à sua fisionomia.**

**Um côro estridente rompeu, feito de alegres exclamações.**

**— Ainda bem — tornou a viscondessa — E eu quero mostrar a bela soma de trabalho que essas boas férias produziram.**

**As vossas lições à pequenada foram esplêndidas: e até conseguiram *domar* certos garotos insuportáveis, que as próprias mães passavam o dia a maltratar... sem resultado, é claro. Os fatinhos que vocês remendaram e arranjaram, vestiram muitos *nus*, coitaditos! As brincadeiras que dirigiram... (Joaninha, radiante, còrou) — serviram para ensinar os petizes a brincar de maneira inteligente.**

**— E nós gozámos um verão ideal! — exclamou Lidia, abraçando a tia com gratidão.**

**— Sabem o que me dá vontade de dizer, meninas? — preguntou, então, o tio Diogo, velho primo da viscondesea que viera assistir à festa de despedida — Que tôda esta maneira de encarar a vida da mocidade... são *exemplos a seguir* por tanta menina inútil!**

Colaboração das Filiadas

# Altar da Virgem

Um céu puríssimo, ar embalsamado
por orvalhadas flôr's de mil cambiantes
brilhando ao sol, quais astros rutilantes,
que do alto do infinito hajam tombado;

a voz do mar, ou calmo, ou muito irado,
a recordar a história dos gigantes
que deram luz, com feitos tão brilhantes,
a êste "jardim à beira mar plantado"

trinados de aves mil, paz permanente:
— tudo possui, por dom do Omnipotente,
êste país, de fé imorredoura...

¡ E como poderia assim deixar
de acontecer, se êle é o lindo altar
da Virgem nossa Mãe — Nossa Senhora?!

*Maria Judith Parente S. Abranches*
Vanguardista
do Centro n.º 3 Ala 2
*Estremadura*
*VII Salão de Educação Estética*

# Farol na treva

Nossa Senhora um dia resolveu
de perto ver o que ia sôbre a Terra,
percorrer a cidade, o vale, a serra...
e para tal abandonou o Céu

A nuvem que a trazia estremeceu
ao sôpro atroz do vendaval da guerra
(que só tormentos, dor e morte encerra)
e a Virgem nossa Mãe entristeceu.

No entanto passeou o Mundo todo
e viu brilhar no negro mar de lôdo
a branca luz de animador fanal

Ilumina-se o rosto da Senhora
e ei-la que volta, pelo espaço fóra,
ao Céu, abençoando Portugal.

*Maria Judith Parente Abranches*
Vanguardista
do Centro n.º 3 Ala 2
*Estremadura*
*VII Salão de Educação Estética*